



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

Rosana Galvão da Luz

**Desafios na Socialização de
Alunos Autistas em uma Escola no Município de
Acrelândia**

Acrelândia- AC

2018

Rosana Galvão da Luz

**Desafios na Socialização de
Alunos Autistas em uma Escola no Município de
Acrelândia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Brasília, sob orientação do professor Raimundo Luiz Silva Araújo.

Acrelândia- AC

2018

Ld

Luz, Rosana Galvão

Desafios na Socialização de Alunos autistas em uma Escola no Município de Acrelândia / Rosana Galvão Luz; orientador Raimundo Luiz Silva Araújo. -- Brasília, 2018.

39 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2018.

1. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Brasília.. I. Araújo, Raimundo Luiz Silva, orient. II. Venturelli, Telma América.

Desafios na Socialização de Alunos Autistas em uma Escola no Município de Acrelândia

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Brasília, sob orientação do professor Raimundo Luiz Silva Araújo.

Membros da Banca Avaliadora

Orientador: Raimundo Luiz Silva Araújo.

Telma América Venturelli

A definir

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os alunos autistas da escola Pedro de Castro Meireles, no município de Acrelândia, em especial aos alunos Phelype e Eduardo que são um exemplo de superação e dedicação no ambiente escolar e familiar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que, em sua bendita misericórdia, me proporcionou essa oportunidade de concluir um curso a distância e que é muito importante para um futuro promissor.

Aos meus pais que sempre acreditaram que um dia sua filhinha seria capaz de conquistar o curso superior e sempre se sacrificaram para me proporcionar um excelente estudo.

Ao meu marido, que nos conhecemos no começo dessa caminhada e tem me acompanhado até esse grandioso momento.

Aos meus professores de todos os semestres que tiveram paciência e a competência de nos ensinar mesmo a distância, com toda dedicação e paciência.

Aos professores Luiz Araújo, Andréia Mello Lacé e em especial à professora Telma Venturelli que teve a maior paciência e me orientou nos momentos difíceis. À professora Nancy que tanto nos transmitiu palavras de conforto em nosso grupo de estudos e, mesmo a distância, estava presente.

RESUMO

Este trabalho objetivou identificar e analisar os desafios enfrentados por professores de alunos autistas e identificar as principais dificuldades em relação a socialização desses alunos. A pesquisa ocorreu em uma escola estadual de Acrelândia – Acre, com um quadro docente de 9 professores que atuam no 7º e 9º ano. O referencial teórico adotado baseou-se em Barbosa (2017), Gonzales (2002), Moreira (2014) e outros autores. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo em que os dados foram obtidos por meio de um questionário. De acordo com os dados existe a dificuldade de socialização dos alunos autistas, segundo os professores existe a falta de capacitação e com isso é desafiador inserir os alunos autistas no convívio escolar de forma em que ocorra a socialização dos mesmos.

Palavras-Chave: Desafios, Socialização, Professores, Autismo.

ABSTRACT

This work aimed to identify and analyze the challenges faced by teachers of autistic students and to identify the main difficulties in relation to the socialization of these students. The research was carried out in a state school in Acrelândia - Acre, with a teaching staff of 9 teachers who work in the 7th and 9th grades. The theoretical framework adopted was based on Barbosa (2017), Gonzales (2002), Moreira (2014) and other authors. A bibliographical research and a field survey were performed in which the data were obtained through a questionnaire. According to the data there is the difficulty of socialization of the autistic students, according to the teachers there is a lack of training and it is challenging to insert the autistic students in the school community in a way that their socialization occurs.

Keywords: Challenges, Socialization, Teachers, Autism.

SUMÁRIO

DIMENSÃO 1: MEMORIAL	10
DIMENSÃO 2: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	14
DIMENSÃO 3: MONOGRAFIA.....	15
CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO:.....	15
OBJETIVOS:.....	16
JUSTIFICATIVA:.....	17
CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO:.....	18
2.1 A SOCIALIZAÇÃO NA PERSPECTIVA EDUCACIONAL:.....	18
2.2 O QUE É O ESPECTRO AUTISTA:.....	19
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA:	23
DADOS DOS PESQUISADOS:.....	23
CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	25
4.1 AUTISMO NA CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES:.....	25
4.2 AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS:.....	26
4.3 PRINCIPAIS DESAFIOS NA SOCIALIZAÇÃO DOS AUTISTAS:.....	29
4.4 FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO:.....	31
4.5 MELHORAR A SOCIALIZAÇÃO DOS AUTISTAS EM SALA DE AULA.....	32
CONCLUSÃO E SUGESTÕES:	34
REFERÊNCIAS:	35
ANEXO:	39

DIMENSÃO 1- MEMORIAL EDUCATIVO

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Paulo Freire

Nasci em Rio Branco, no dia 17 de Janeiro de 1988. Hoje estou com 30 anos. Moro há mais de dez anos em Acrelândia. Sempre estudei em escolas públicas, porém todo ano minha mãe se mudava, por isso estudei em várias escolas e conheci muitos professores. Porém não aprendi a ler muito fácil, demorou um pouco para eu aprender e me enturmar com os colegas. A timidez era muito maior do que eu gostaria que fosse. Com oito anos de idade, eu ainda não sabia ler e tão pouco escrever, porém sempre tive força de vontade.

A primeira vez que entrei em uma sala de aula foi em Rio Branco em 1995, porém fiquei o ano inteiro sem aprender. Foi aí que minha mãe resolveu mudar de cidade e viemos para Acrelândia pela primeira vez, digo, pela primeira vez, porque depois vivíamos voltando para Rio Branco! Então foi aí que conheci a professora que finalmente conseguiu me alfabetizar, aqui, na cidade de Acrelândia em 1996. Foi uma alegria. Aquilo era o meu tesouro, a minha riqueza, queria sair correndo e contar para todos que finalmente eu sabia ler e escrever.

Em 1998, mudamos para a zona rural. Estudei em uma escola que ficava muito longe. Nós saíamos muito cedo para a estrada para esperar o ônibus escolar, porém, muitas vezes, na volta para casa, o ônibus estragava e chegávamos em casa já de noite porque ficávamos esperando carona. A demora era pela espera de um carro grande, pois eram vários alunos. Lembro que, durante o ano letivo, vários colegas desistiram, pela dificuldade que enfrentávamos. Nunca fui reprovada em nenhum ano, sempre fui esforçada e tentava tirar boas notas.

Saindo da zona rural, fui para a zona urbana e também precisava do ônibus, mas aí já era pago. Meus pais sempre economizavam para que todo dia eu tivesse o dinheiro da passagem, mas aprendi muito mais na cidade. Minha trajetória, desde o

ensino fundamental até o ensino médio, foi muito gratificante sempre com o incentivo de meus pais que pensaram muito nos meus estudos. Não estudei em escola particular até porque não tínhamos condições financeiras. Mas todos os meses meu pai comprava vale escolar para o ônibus. O trajeto para a escola era divertido porque sempre fazia novas amizades.

Depois que terminei o ensino médio, fiquei algum tempo sem estudar, mas, nunca é tarde para se aprender. Estudar é a melhor opção que uma pessoa pode ter. Seja criança, seja adulto é essencial uma vida de estudante, pois aprendemos todos os dias algo novo que levamos para sempre conosco, o conhecimento. Nunca pensei em desistir apesar dos momentos difíceis que enfrentei e ainda enfrento. Tenho plena certeza de que o melhor é estudar, não existe tempo e nem hora, mas sim o sempre; estudar seja lá qual for a idade é a melhor resposta para superar os problemas e levantar a autoestima, se sentir útil e vivo, sabendo que o futuro nos espera e reserva coisas boas. Concluir o ensino superior nesse momento é o que almejo e sonho. Apesar de tudo, amo a escola pública, acredito na história da educação pública, o quanto formou pessoas de bem e que tanto tem aberto portas para aqueles que realmente precisam de um futuro melhor.

Quando iniciei o curso de pedagogia, recebi algumas críticas por parte de algumas pessoas e até mesmo por profissionais da educação, querendo desvalorizar a pedagogia tanto pelo salário, quanto pelo tempo que iria levar para concluir o curso.

Existe a satisfação e a alegria de um trabalho que nem sempre envolve o salário. Trabalhando com a educação especial, durante esses quatro anos, percebi que o salário é o que menos importa, o que realmente importa é a vocação, o orgulho que sentimos quando nossos alunos especiais estão avançando em sala de aula, ver o sorriso deles quando são aceitos pela sociedade escolar e o quanto trabalhamos para conseguirmos esse tão esperado sorriso deles no fim de cada dia!

Mesmo com desafios, isso não é motivo para desistir ou desanimar, pelo contrário, percebi que estava no caminho certo, porém um longo caminho a ser percorrido, mas que iria aprender de verdade com essa escolha. Costumo dizer que a educação e o que aprendi até hoje ninguém vai mudar na minha vida, pois é a minha herança.

O maior desafio é, sem dúvidas, a distância, pois às vezes não compreendemos muito bem o que foi proposto na tarefa, mesmo quando as nossas dúvidas são respondidas, pois às vezes não encontramos palavras para expressar nossas ideias como alunos a distância. Às vezes não compreendemos os professores e nem as nossas tarefas são compreendidas, esse, sem dúvidas, é um desafio.

Muitos de nossos colegas desistiram do curso, alguns pela distância, pois moravam em ramais e não tinham internet em casa, outros por terem escolhido fazer outro curso e outros que não sabemos os motivos.

No segundo período da faculdade comecei trabalhar com a educação especial, primeiramente como cuidadora de uma linda garota que tinha necessidade de cuidados em sala de aula e também fora da sala, pois a mesma não falava e sofria de epilepsia quando se assustava.

No ano seguinte fui chamada para o desafio de ser mediadora de um aluno autista, com pouca experiência e me sentindo assustada aceitei o desafio disposta a aprender e pesquisar sobre o autismo e as formas de trabalhar com o aluno em sala de aula, pois o mesmo não aceitava nenhuma pessoa o ajudando em sala de aula, sentia vergonha pelo o que os colegas poderiam pensar dele.

Então como era de se esperar o aluno me rejeitou por causa de comentários de alunos e até mesmo de professores. Fui retirada da sala, mas sempre estava por perto caso fosse preciso!

Em menos de um mês fui chamada novamente para ficar na sala com ele, pois estava se desentendendo com os colegas e não conseguia acompanhar o conteúdo em sala de aula, suas atividades estavam acumuladas e precisava muito de ajuda na parte pedagógica.

Comecei a pesquisar ainda mais sobre o autismo e passei para os professores tudo o que estava aprendendo sobre o assunto, foi então que em uma de minhas pesquisas encontrei que o autista aprende muito através da visão, comecei a pesquisar vídeos sobre diversos assuntos propostos por professores durante todo o ano letivo, cada bimestre percebi o avanço e que estava funcionando,

mas ainda não era o suficiente, ainda faltava a parte da socialização, ele não conseguia interagir e se enturmar com os colegas.

Decidi criar um grupo de Whatsapp com todos da turma, no começo ele não falava no grupo e por diversas vezes me ignorava e até mesmo por varias vezes saiu do grupo, mas sempre pedia para voltar. Com o passar do tempo fui conquistando a confiança dele e depois de um ano consegui enturmá-lo.

No dia 7 de setembro fez a sua primeira apresentação, interpretando e vestido a caráter de “Barão de Mauá”, foi uma alegria, pois no sétimo ano e foi o seu primeiro sete de setembro, que alegria! Estava radiante e sua família toda feliz, percebi a realização que ele estava sentindo, pois seu pai estava observando e aplaudindo seu avanço e progresso.

Agora esse ano de 2018 nosso aluno autista terminou o 9º ano e vai começar o ensino médio, uma mudança, outra rotina, mais desafios, o que me deixa preocupada em relação a socialização em uma nova escola, com novos professores e novos alunos. Mas sei o quanto avançou e o quanto é capaz de superar qualquer desafio!

A maior satisfação para quem trabalha na educação especial é perceber o avanço e estou orgulhosa do desempenho e como esses três anos de experiência foram maravilhosos.

Essa parte do trabalho me fez compreender o quanto o caminho foi árduo, como a pedagogia pode envolver as pessoas e o quanto me fez crescer como profissional; tenho muito a agradecer a Deus por esse curso e por essa oportunidade.

Agradeço aos professores de todos esses semestres, durante esses anos de lutas, pois cada um tem a sua vida e seus desafios!

DIMENSÃO 2 - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

A pedagogia é essencial na vida de um profissional da educação, não somente na educação infantil, mas em todo o contexto escolar, pois a pedagogia está presente em muitos setores de uma instituição escolar como, por exemplo, a coordenação pedagógica de uma escola.

Muitos profissionais buscam cursar pedagogia para melhorar o seu currículo e se desenvolver melhor e mais compreensível em sala de aula. A metodologia em sala de aula depende da atuação profissional tanto por parte da gestão, quanto por parte dos professores em sala de aula.

Nas séries iniciais, o pedagogo trabalha sendo o suporte para o futuro das crianças, é onde tudo se inicia, são os primeiros “passos”, o futuro depende desses profissionais pedagogos.

A pedagogia é atuante na educação especial em que professores são envolvidos e especializados na área de alunos surdos, autistas, dislexia, etc...

Futuramente pretendo fazer uma especialização na educação especial; acredito que deve ser uma pós-graduação sobre autismo. Essa área da educação especial está avançando em pequenos passos, porém está acontecendo e daqui a alguns anos estará ainda mais valorizada. A pedagogia está presente na educação especial e isso é mais um incentivo para que meus planos se concretizem e meu sonho vire realidade.

Na educação especial, o profissional precisa acreditar e valorizar o seu trabalho, pois ainda existem obstáculos e o caminho é longo a ser percorrido. A pedagogia ensina a nós, profissionais da educação, a humildade e a sabedoria para atuarmos nessa área da educação.

DIMENSÃO 3 – MONOGRAFIA CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve o intuito de identificar o desafio na socialização dos alunos autistas de uma escola de ensino fundamental no município de Acrelândia. Pois, cada instituição procede a seus próprios recortes internos, o que perpetua a lógica de segmentação do processo de socialização (BOUVIER, 2005).

Mapear os desafios enfrentados por professores da rede pública de uma das escolas que atendem esses alunos autistas é um dos objetivos desse trabalho. Sabendo que a educação de uma criança portadora de autismo representa, sem dúvida, um desafio para todos os profissionais da educação (SERRA, 2004).

Segundo Montagner, Santiago e Souza, (2007) o termo autismo foi utilizado pela primeira vez em 1911 pelo psiquiatra Eugen Bleuler, referindo-se a um transtorno de esquizofrenia. A palavra autismo vem do Grego autos, que significa “próprio”, denominando uma condição onde o indivíduo anulava a percepção do que está ao seu redor e centrando-se em si mesmo (MONTANGER *et al*, 2007). Diante disso o objetivo deste trabalho é identificar como os professores lidam com a parte da socialização dos alunos autistas em sala de aula e no contexto escolar.

O capítulo 2 em que se trata do referencial teórico e aborda A Socialização na Perspectiva Educacional em que Gonzales (2002) destaca o processo de socialização em que os sistemas sociais se perpetuam e funcionam eficazmente, na medida em que os indivíduos desempenham os seus papéis sociais mediante a incorporação de valores e padrões sociais vigentes numa determinada sociedade.

Outra questão de pesquisa e busca do referencial teórico é sobre O que é o Espectro Autista de acordo com Montagner *et al* (2007) o autismo é um transtorno invasivo do desenvolvimento que compromete as habilidades sociais e comunicativas do portador, tendo como característica a hiperatividade, a falta de concentração, a agressividade e a dificuldade em aprender pelos métodos de ensino convencionais.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

Identificar os desafios enfrentados por professores no processo de socialização de alunos autistas no caso de uma Escola no Município de Acrelândia.

2.2 ESPECÍFICOS

- Mapear os desafios enfrentados por professores que atuam em salas de aula, envolvidos no processo de socialização dos alunos autistas em uma escola no município de Acrelândia.
- Realizar levantamento bibliográfico sobre a socialização de sujeitos com Espectro Autista.
- Identificar a estrutura e as necessidades dos alunos autistas na instituição escolar do município de Acrelândia.

3. JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica pelo anseio de se conhecer melhor a realidade escolar dos alunos autistas em sala de aula e identificar os desafios enfrentados pelos professores no processo de socialização dos mesmos.

Por se tratarem de adolescentes, que logo estarão no ensino médio e no convívio com outras pessoas em outra escola, a pesquisa foi feita com o intuito de identificar o desafio enfrentado por professores de uma escola pública do Município de Acrelândia na socialização dos alunos autistas.

De acordo com Moura (2013, p. 7), a convivência pessoal e profissional com crianças e jovens com Síndrome de Asperger despertou questionamentos a respeito do seu processo de interação social. Diante disso, houve a necessidade de pesquisar sobre a socialização dos alunos autistas e como acontece a aprendizagem juntamente com outros alunos em sala de aula.

É importante saber como sucede esse processo de socialização do autista no contexto escolar nessa escola no Município de Acrelândia. Conforme alguns autores o autismo é um transtorno neurodesenvolvimental caracterizado por prejuízos sociais, comportamentais e de comunicação (Wing, Gould e Gilberg, 2011).

Levando em consideração a participação do professor nesse processo de socialização que foi escolhido esse tema sobre a socialização de alunos autistas em uma escola do Município de Acrelândia.

CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO

Um professor atento é de extrema importância, pois a escola é um ambiente de socialização e são em momentos não só em sala de aula, em que se percebem as primeiras dificuldades, como também a falta de interação com os colegas em ambientes de descontração como a hora do recreio (BARBOSA, 2017). Diante disso, surgiu a necessidade de pesquisar os desafios enfrentados por professores de uma escola pública em relação à socialização dos alunos autistas da mesma.

2.1 A Socialização na Perspectiva Educacional

A socialização é um processo permanente na vida dos indivíduos tanto no momento em que esses adquirem novos papéis na vida social como quando eles se ajustam à perda de papéis sociais antigos. É por meio do processo de socialização que os sistemas sociais se perpetuam e funcionam eficazmente, na medida em que os indivíduos desempenham os seus papéis sociais mediante a incorporação de valores e padrões sociais vigentes numa determinada sociedade (GONZALES, 2002).

De acordo com Galvão (1998, p. 34), até que a criança saiba identificar sua personalidade e a dos outros, correspondendo a primeira ao eu e a segundas à categoria do não-eu, ela se encontra num estado de dispersão e indiferenciação, percebendo-se como que fundida ao outro e aderida às situações e circunstâncias. Portanto, o sentido do processo de socialização é de crescente individuação.

Segundo os autores Moreira, Mendanha e Bittar, a socialização acontece no momento em que ocorre a adaptação da criança no contexto social para que consiga se adaptar.

À medida que a criança cresce, sua condição social se altera porque a socialização – processo de adaptação às leis da sociedade – demanda da criança a adaptação às leis para garantir sua própria sobrevivência (MOREIRA, 2014).

Uma justificativa muito comum que pode ser escutada em diversas escolas, sobretudo, nas infantis, é o discurso de que a criança está sendo matriculada para que seja socializada (MENDANHA e BITTAR, 2016).

Conforme (SETONN *apud* DUBAR, 2000), a repercussão das proposições socializadoras de Durkheim pode ser observada nas contribuições de outros sociólogos que se debruçaram sobre o mesmo tema. É possível identificar que grande parte das abordagens culturais e funcionalistas da socialização acentuam essa característica essencial da formação dos indivíduos, pois a entendem como a incorporação das maneiras de ser de um grupo, uma visão de mundo e uma relação com o futuro; em outras palavras, a interiorização incondicional de valores, normas e disposições sociais que fazem do indivíduo um ser socialmente identificável.

2.2 O que é o Espectro Autista

Transtorno do Espectro Autista (TEA) define-se por prejuízos persistentes na comunicação e interação social, bem como nos comportamentos que podem incluir os interesses e os padrões de atividades, sintomas esses presentes desde a infância que limitam ou prejudicam o funcionamento diário do indivíduo (ONZI e GOMES, 2015).

De acordo com outros pesquisadores e estudiosos:

O autismo é um transtorno invasivo do desenvolvimento que compromete as habilidades sociais e comunicativas do portador, tendo como característica a hiperatividade, a falta de concentração, a agressividade e a dificuldade em aprender pelos métodos de ensino convencionais. (MONTAGNER *et al* 2007).

No que diz respeito à abordagem neuropsicológica do TEA, destaca-se a hipótese de disfunção executiva, que defende que prejuízos no controle executivo poderiam estar relacionados a alguns dos comprometimentos cognitivos e comportamentais observados em indivíduos com TEA (CZERMAINSKI *et al*, 2013).

De acordo com Silva e Mulick (2009), existe certo consenso entre especialistas de que o autismo é decorrente de disfunções do sistema nervoso central (SNC), que levam a uma desordem no padrão do desenvolvimento da criança.

Conforme Gadia *et al* (2004, p. 1), as manifestações comportamentais que definem o autismo incluem déficits qualitativos na interação social e na comunicação, padrões de comportamento repetitivos e estereotipados e um repertório restrito de interesses e atividades.

O transtorno autista (ou autismo infantil) faz parte de um grupo de transtornos do neurodesenvolvimento denominados Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGDs), Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TIDs) ou Transtornos do Espectro do Autismo (TEAs) (SILVA e MULICK, 2009).

Conforme Oliveira e Sertié (2017) o transtorno do espectro autista (TEA) é um grupo de distúrbios do desenvolvimento neurológico de início precoce, caracterizado por comprometimento das habilidades sociais e de comunicação, além de comportamentos estereotipados. Embora definido por estes principais sintomas, o fenótipo dos pacientes com TEA pode variar muito, abrangendo desde indivíduos com deficiência intelectual (DI) grave e baixo desempenho em habilidades comportamentais adaptativas, até indivíduos com quociente de inteligência (QI) normal, que levam uma vida independente. De acordo com Oliveira e Sertié (2017) estes indivíduos também podem apresentar uma série de outras comorbidades, como hiperatividade, distúrbios de sono e gastrintestinais, e epilepsia.

2.3 A Formação de Professores para o Atendimento aos Alunos Especiais

No final dos anos de 1960 e início dos 1970, a educação especial passa então a integrar os cursos de pedagogia, com a criação das habilitações em áreas específicas de deficiência. Conforme (GARCIA *apud* BRASIL, 1996), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n. 9.394/1996 (Brasil, 1996), reiterou a possibilidade de os professores de educação especial serem formados também nos cursos de magistério de nível médio.

O PNE (Brasil, 2014) coloca como estratégia formalizar e executar os planos de ações articuladas dando cumprimento às metas de qualidade estabelecidas para a educação básica pública e às estratégias de apoio técnico e financeiro voltadas à melhoria da gestão educacional, à formação de professores e professoras e profissionais de serviços e apoio escolares, à ampliação e ao desenvolvimento de recursos pedagógicos e à melhoria e expansão da infraestrutura física da rede escolar; Implementar programas específicos para formação de profissionais da educação para as escolas do campo e de comunidades indígenas e quilombolas e para a educação especial.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) de 1996 entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais e quando necessário haverá, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial, além disso, professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

2.3.1 A Formação Específica de Professores para Atendimento de Alunos com Espectro Autista

Para o atendimento de um aluno autista, de acordo com Barbosa (2017, P. 16), um professor atento é de extrema importância, pois a escola é um ambiente de socialização e são em momentos não só em sala de aula, em que se percebem as primeiras dificuldades, como também a falta de interação com os colegas em ambientes de descontração como a hora do recreio.

Sugere-se então uma forma de inclusão para que se adquira a socialização e, de acordo com Passadori (2015, p. 4), todavia, sabemos que o hábito rotineiro de um autista exige que o professor realize adaptações nesse material didático para poder desenvolver as atividades propostas; nisso podemos notar o quanto a inclusão carece de pesquisas para que o educador tenha acesso às diferentes estratégias de como fazer valer o processo de ensino- aprendizagem de crianças autistas. Como parte da preocupação em implementar a educação inclusiva, as atitudes sociais dos professores em relação à inclusão vêm sendo investigadas nos últimos anos. (OMOTE 2005).

Por existir a dificuldade da criança autista na fala e na socialização, talvez exista esse desafio. Conforme Santos (2008, p. 20) alguns bebês autistas jamais sorriem, seus balbucios não buscam estabelecer comunicação, têm dificuldade ao contato com pessoas, principalmente aquelas pessoas estranhas ao seu convívio.

Crianças com autismo frequentemente apresentam problemas de comportamento, muitas vezes bastante severos, que incluem hiperatividade,

dificuldade de prestar e/ou manter atenção, atenção hiperseletiva (i.e., tendência a prestar mais atenção nas partes/nos detalhes do que no todo) e impulsividade, bem como comportamentos agressivos, autodestrutivos, perturbadores e destrutivos (SILVA e MULICK, 2009).

Adolescentes e adultos com autismo têm interpretações equivocadas a respeito de como são percebidos por outras pessoas, e o adulto autista, mesmo com habilidades cognitivas adequadas, tende a isolar-se (GADIA *et al*, 2004).

De acordo com Santos (2008, p. 31), as crianças autistas parecem que aprendem e entendem melhor vendo do que ouvindo. Por isso, quando pequenas, é interessante expô-las ao máximo a esses estímulos. A escola recebe uma criança com dificuldades de se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite.

E, por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento (SANTOS, 2008). Já que a criança autista não consegue se adaptar ao ambiente, cabe ao professor determinar uma nova forma de aprendizagem e um ambiente acolhedor, o aluno autista precisa adquirir confiança no professor e no ambiente novo em que se encontra.

O papel da escola é de fundamental importância para o desenvolvimento de todos os alunos. Buscar conhecer mais sobre o assunto, ter uma perspectiva inclusiva e preparar o quadro de docentes para trabalhar com alunos autistas é um importante começo. Aliado a isto, a busca de estratégias metodológicas de interação e desenvolvimento de todos os alunos deve ser alvo constante de uma escola inclusiva (SOUSA, 2015).

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia utilizada nesse trabalho foi obtida com base na pesquisa de campo realizada em uma escola pública de Acrelândia - Ac. Para melhor clareza, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto proposto e a obtenção dos resultados, foi utilizada a metodologia da pesquisa qualitativa, em que a mesma teve caráter descritivo e exploratório.

Os sujeitos pesquisados expressaram-se de forma espontânea com a presença do pesquisador.

Nesse campo foram utilizados questionários com perguntas claras e objetivas.

3.1 Participantes da Pesquisa

Para realizar o trabalho, foram selecionados 9 professores, sendo eles do 7º e 9º anos.

3.2 Dados dos Professores Pesquisados

Identificação		Características			
	Idade:	Sexo:	Curso de Formação na Graduação:	Tempo de Regência:	Ano de Conclusão do Curso de Graduação:
Professora 1	40	Feminino	Pedagogia	22 anos	2010
Professora 2	38	Feminino	História	8 meses	2017
Professora 3	20	Feminino	Matemática	8 meses	2017
Professor 4	30	Masculino	Matemática	8 anos	2010
Professora 5	45	Feminino	História	27 anos	2004
Professor 6	41	Masculino	Letras	23 anos	2011
Professor 7	41	Feminino	Pedagogia e Geografia	4 anos	2013
Professora 8	27	Feminino	Pedagogia e Letras	4 anos	2014
Professora 9	34	Feminino	Letras	10 anos	2009

Fonte: Quadro criado pela mesma autora deste trabalho.

3.3 Instrumento de pesquisa

Para a realização desse trabalho, foi aplicado um questionário. Segundo Manzato e Santos (2012, p. 10), após a identificação do pesquisador, do pesquisado e dos filtros, são colocadas as questões propriamente ditas do questionário. Para elaborar as perguntas de um questionário, é indispensável levar em conta que o informante não poderá contar explicações adicionais do pesquisador. Por esse motivo, as perguntas devem ser claras e objetivas, para evitar interpretações errôneas, e não devem ser invasivas. Utilizaremos, nessa pesquisa, o questionário do tipo investigativo com 6 perguntas abertas, permitindo aos participantes expor suas opiniões a respeito do assunto pesquisado.

3.4 Contexto da pesquisa

A pesquisa aconteceu em uma escola estadual no município de Acrelândia - Acre. Com um quadro docente de 9 professores de sala comum, sendo que 3 dos mesmos são professores de 2 disciplinas dos alunos em questão. A escola atende 760 alunos matriculados nos turnos matutinos e vespertinos, entre eles 2 autistas.

3.5 Levantamento de Dados Sobre a Incidência do Espectro Autista no Brasil

O primeiro grupo organizado de pais a surgir no Brasil foi o da Associação dos Amigos dos Autistas de São Paulo, a AMA- SP, em 1983. O objetivo básico era fomentar a busca de conhecimento e troca de experiências sobre o autismo, em um período anterior à criação do SUS, no qual o Estado brasileiro não provia nenhuma estratégia para o acolhimento de crianças e adolescentes com sofrimento mental, tal como o autismo (OLIVEIRA *et al* 2017).

No Brasil foi sancionada a Lei nº 12.764 que “Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista” (Brasil, 2012).

Segundo (OLIVEIRA *apud* AMARANTE, 1994) ressalta que “em paralelo, na mesma década de 80, desenvolvia-se no Brasil o Movimento da Reforma Psiquiátrica, que objetivava a revisão das premissas assistenciais e teóricas destinadas às pessoas com transtornos mentais, visando superar o modelo de

assistência centrado em práticas de institucionalização, de maneira a promover o resgate da dimensão de cidadania a essa população e a construir uma rede comunitária para o cuidado em liberdade”.

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Autismo na concepção dos professores

De acordo com as respostas, cada professor tem um conceito sobre o que seria o autismo e a maioria aborda a falta de interação, comunicação e socialização. Vejamos as respostas dos professores:

É uma pessoa especial dentro da modalidade da educação inclusiva, que requer uma atenção especial voltada ao seu critério de ensino. (Professora. 01)

Os professores possuem conhecimento do conceito autismo e percebe-se que já buscaram conhecer melhor sobre o autismo e seus desafios. A expressão “autismo” foi utilizada pela primeira vez por Bleuler em 1911, para designar a perda do contato com a realidade, o que acarretava uma grande dificuldade ou impossibilidade de comunicação (GADIA *et al*, 2004).

Transtorno de desenvolvimento grave que prejudica a capacidade de se comunicar e interagir. (Professora. 02)

Transtorno global. (Professora. 03)

Transtorno de desenvolvimento grave que prejudica a capacidade de se comunicar e interagir. (Professor. 04)

Todos os professores tiveram ideias iguais sobre o autismo ser um transtorno de desenvolvimento ou global e com dificuldade de comunicação. Ainda o autismo é caracterizado como sendo um distúrbio congênito com alterações no comportamento

e desenvolvimento infantil, que se inicia nos primeiros anos de vida, prejudicando sua interação e comunicação com o meio (MONTAGNER et al 2007).

Dificuldade do indivíduo se relacionar socialmente e assimilar muitas informações ao mesmo tempo. (Professora. 05)

É polarização privilegiada do mundo dos pensamentos, das representações e dos sentimentos pessoais, com perda, em maior ou menos grau. (Professor. 06)

É uma síndrome caracterizada por apresentar problemas na Comunicação, socialização e no comportamento de uma pessoa, entre outros. (Professora. 07)

Os professores apresentam a falta de socialização e problemas na comunicação, onde o mundo dos pensamentos faz parte e compromete no comportamento do aluno com autismo. O transtorno de Asperger pode ser diferenciado do transtorno autista pela ausência de atraso no desenvolvimento da linguagem e pela análise de pequenos detalhes que diferenciam o perfil desses dois transtornos (SOARES, ROMEIRO, MATHIAS, LARRUSCAIM, 2017).

Uma falta de concentração no estudo. (Professora. 08)

É um transtorno de desenvolvimento que geralmente aparece nos três primeiros anos de vida e compromete as habilidades de comunicação social. (Professora. 09)

Os professores demonstram saberem sobre o assunto e identificam até como compreendem sobre o autismo no início de seus sintomas. De acordo com Onzi e Gomes (2015), o TEA é considerado um transtorno que vai além da sua complexidade, distante de ser definido com exatidão, pois não existem meios pelos quais se possa testá-lo, muito menos medi-lo. Em outras palavras, as pesquisas realizadas atualmente estão distantes no sentido de apresentarem a “cura” para o autismo, acompanhando o indivíduo por todo seu ciclo vital.

4.2 As principais características observadas pelos professores nos alunos autistas.

A característica mais forte no autista é a não socialização com outras pessoas, isso levou estudiosos a observação no desenvolver de interação social (SOARES *et al* 2017). Aparentemente os professores alegam falta de concentração e de comunicação e dificuldade na aprendizagem e na socialização.

Uma das características, comum e notória, é a questão do mesmo ser observador, detalhista, carinhoso, amoroso. (Professora. 01)

[...] Conseguem entender emoções simples, fortes e universais, como uma criança normal, mas confundem-se com as mais complexas. Geralmente não respondem à comunicação verbal e não verbal dos adultos (MONTAGNER *et al* 2007). Diante disso percebe-se a diferença nas respostas dos professores, pelo fato de serem dois alunos autistas, porém as dificuldades percebidas são bem parecidas.

Dificuldades de concentração e convívio social. (Professora. 02)

O aluno que eu trabalho é muito distraído e inquieto. (Professora. 03)

Isolamento social, dificuldade de receber e executar ordens, pouca concentração, mas capaz de ficar horas observando um mesmo objeto, insensibilidade afetiva, etc. (Professor. 04)

Diante da alta complexidade do autismo nos prejuízos e na socialização, intervenções efetivas são exigidas dos profissionais de diversas áreas, visando não somente a questão educacional e da socialização, mas também terapêuticas eficazes (MONTAGNER *et al* 2007).

Isolamento e dificuldade na aprendizagem e na socialização. (Professora. 05)

Os portadores de autismo não podem se sentir: ameaçados humilhados, ansiosos, ignorados, rejeitados, encurralados, controlados pela equipe. Essas atitudes são comumente realizadas, não por maus tratos, mas sim por falta de preparo de alguns profissionais ao lidarem com essas crianças. O meio para envolver os portadores deve ser de interação devendo ressaltar a importância de trabalhar simultaneamente o desenvolvimento de outras capacidades e habilidades, vinculação e processo de apego (MONTAGNER *et al* 2007). Os professores referem-se ao isolamento dos alunos autistas e a dificuldade em relacionar-se, sendo que também tem dificuldade na interpretação e nos momentos de expressar as suas ideias.

Ausência completa de qualquer contato interpessoal, incapacidade de aprender a falar, incidência de movimentos, deficiência mental, portador voltado para si mesmo. Consegue falar, mas não usa a fala como ferramenta de comunicação. (Professor. 06)

Dificuldade na interpretação, na fala, no momento de expressar ideias, sentimentos, entre outros. (Professora. 07)

Fica mexendo com os outros, está sempre em movimento e reclama de tudo. (Professora. 08)

O autismo é um transtorno invasivo do desenvolvimento que compromete as habilidades sociais e comunicativas do portador, tendo como característica a hiperatividade, a falta de concentração, a agressividade e a dificuldade em aprender métodos de ensino convencionais (MONTAGNER *et al* 2007).

Autista tem dificuldade de lidar com mudanças, por isso é importante manter seu mundo organizado e dentro da rotina. (Professora. 09)

[...] Esse grupo de transtornos compartilha sintomas centrais no comprometimento em três áreas específicas do desenvolvimento, a saber: (a) déficits de habilidades sociais, (b) déficits de habilidades comunicativas (verbais e

não verbais) e (c) presença de comportamentos, interesses e/ou atividades restritos, repetitivos e estereotipados. (SILVA e MULICK, 2009).

4.3 Principais desafios enfrentados pelos professores no processo de socialização dos alunos autistas.

De acordo com os professores vários são os desafios que enfrentam no processo de socialização dos alunos autistas na escola. Inclusive a falta de capacitação e de preparação para lidar com os alunos autistas em sala de aula. Segundo Soares *et al* (2017) não existem apenas essas deficiências de comunicação, mas sim outras formas onde as pessoas não expressam seus sentimentos por repressão do modelo estabelecido pela sociedade.

Timidez. (Professora. 01)

De acordo com Gadia *et al* (2004) os que têm capacidade expressiva adequada podem ter inabilidade em iniciar ou manter uma conversação apropriada.

Suas maiores dificuldades estão relacionadas a atividades que reúnam um número maior de colegas. (Professora. 02)

Conquistar a confiança do aluno. (Professora. 03)

Conforme Montagner *et al* (2007) faz-se, portanto necessário conhecer as características dos portadores desse transtorno, bem como as características concernentes ao autismo e suas possíveis causas.

Dificuldades em lidar com as características do transtorno. Apoio/pedagógico para avaliar e desenvolver o currículo do aluno. (Professor. 04)

Dificuldade em mediar esse processo de socialização. (Professora. 05)

Autismo não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, definido de um ponto de vista comportamental, com etiologias múltiplas e

graus variados de severidade. A apresentação fenotípica do autismo pode ser influenciada por fatores associados que não necessariamente sejam parte das características principais que definem esse distúrbio. Um fator muito importante é a habilidade cognitiva. As manifestações comportamentais que definem o autismo incluem déficits qualitativos na interação social e na comunicação, padrões de comportamento repetitivos e estereotipados e um repertório restrito de interesses e atividades (GADIA *et al*, 2004). Os demais professores responderam a pergunta com respostas adversas as primeiras respostas dos professores anteriores:

A falta de preparação para trabalhar com esses alunos e que foi superada com a vontade de trabalhar com essas crianças. (Professor. 06)

Segundo Montagner *et al* (2007) é relevante saber também como os profissionais se sentem às características e às atitudes dos portadores de autismo.

Participação em atividades interativas que favoreciam a comunicação entre os alunos. (Professora. 07)

Conseguir realizar uma atividade toda. (Professora. 08)

Professores capacitados, equipe gestora capacitada para desenvolver um plano pedagógico com crianças autistas. (Professora. 09)

O TEA é considerado um transtorno que vai além da sua complexidade, distante de ser definido com exatidão, pois não existem meios pelos quais se possa testá-lo, muito menos medi-lo. Em outras palavras, as pesquisas realizadas atualmente estão distantes no sentido de apresentarem a “cura” para o autismo, acompanhando o indivíduo por todo seu ciclo vital (ONZI e GOMES, 2015).

Outro conceito sobre autismo:

[...] Estereotípias motoras e verbais, tais como se balançar, bater palmas repetitivamente, andar em círculos ou repetir determinadas palavras, frases ou canções são também manifestações frequentes em autistas (GADIA *et al*, 2004).

4.4 Formação e Capacitação para trabalhar com alunos autistas

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n. 9.394/1996 (Brasil, 1996), reiterou a possibilidade de os professores de educação especial serem formados também nos cursos de magistério de nível médio. A pergunta foi em relação a formação dos professores se estão aptos ao ensino especial para trabalharem com crianças autistas em sala de aula. Vejamos as respostas dos mesmos:

Não. (Professora. 01)

De certo modo me sinto um pouco despreparada pelo fato de não ter feito nenhuma capacitação, e que, com certeza, poderia ter abrangido mais o conhecimento. (Professora. 02)

Sim, independente do grau. (Professora. 03)

No começo muita dificuldade, mas como cursei uma pós-graduação na área, me ajudou muito a entender esse processo de ensino-aprendizagem. (Professor. 04)

Nesse caso os professores encontram-se divididos em suas respostas, mais da metade alega que estão preparados para o desafio de ensinar alunos autistas em sala de aula e prepara-los para viver em sociedade; enquanto os demais se dizem despreparados para esse desafio de socialização dos alunos autistas por falta de preparação e capacitação curricular.

Completamente não. (Professora. 05)

Sim, por gostar e ter vontade de trabalhar com eles. (Professor. 06)

Totalmente não, porém, como profissional, procuro estratégias de ensino e aprendizagem que contemplem meu aluno autista tanto quanto os outros alunos. (Professora. 07)

Não. (Professora. 08)

Sim. (Professora. 09)

Percebe-se como os professores estão buscando a melhoria do atendimento em sala de aula. O ambiente escolar é por demais desafiante, devido a todas as limitações que nós professores enfrentamos como, por exemplo, a falta de recursos, conhecimento e ambientes apropriados para a realização de atividades propostas para um melhor desenvolvimento cognitivo e social, nesse caso em particular, a alfabetização, inclusão e socialização de alunos com Transtorno do espectro Autista (BARBOSA, 2017).

4.5 Concepções dos professores para melhorar a socialização dos alunos autistas na escola

Os professores destacam a importância de conscientização por parte da comunidade escolar, com palestras em que seja abordado o tema sobre o autismo, assim estariam fazendo também capacitação para estarem preparados para os desafios que poderiam surgir durante todo o ano letivo.

Tanto os alunos quanto os funcionários das instituições precisam dar mais atenção. (Professora. 01)

Uma das principais medidas que possam propiciar melhora na condição de interação social é a inclusão social. Para que o mesmo possa interagir socialmente, isso é fundamental para o desenvolvimento infantil. (Professora. 02)

Atividades voltadas para o mundo deles. (Professora. 03)

Apoio maior da família, diante da condição do aluno. Oferta de cursos para entender o mundo desses alunos autistas. Palestras de conscientização na comunidade escolar, explicando o mundo do autista. (Professor. 04)

Também é destacado o apoio familiar e dos funcionários da escola juntamente com os demais alunos da instituição. Os pais dos indivíduos com TEA são normalmente os primeiros a verificar que algo diferente está acontecendo com seu filho. Nesse momento, começa a busca por auxílio, sendo um período de

incertezas o que antecede o processo de elaboração e formação do diagnóstico (ONZI e GOMES, 2015).

As autoras Onzi e Gomes (2015) destacam que são diversos métodos de reabilitação encontrados hoje na literatura, que visam a favorecer a autonomia do indivíduo com TEA, frente a uma sucessão de comportamentos que são exigidos para a convivência social com o outro. De modo geral, indivíduos com TEA acabam influenciando na dinâmica estrutural e funcional da família, cabendo salientar a importância da orientação aos pais em relação às vantagens e desvantagens relacionados a cada tratamento, pois cada autista é único e o que pode funcionar para um pode não ter êxito para outro.

Talvez uma melhor conscientização dos outros alunos para inseri-lo nas atividades escolares. (Professora. 05)

Ter mais amor e gosto em trabalhar com eles. (Professor. 06)

Primeiramente um curso de capacitação sobre autismo para melhorar conhecimento dos professores a respeito do assunto. Atividades interativas que contemplem os alunos em geral fornecendo a socialização. (Professora. 07)

Eu acho que deveria ter um curso para isso e uma palestra para os alunos em geral. (Professora. 08)

Os professores devem ser preparados para a possibilidade de ter um aluno e saber como interagir com ele. Desenvolver atividades alternativas prevenir o bullying, etc... (Professora. 09)

Entre as atribuições do professor, está a de mediador do conhecimento, mas também a responsabilidade de educar o aluno para a sua vivência além do âmbito escolar, passando-lhe valores sociais e a importância do respeito e da valorização do ser diferente, com o intuito de sanar o preconceito e diminuir o isolamento desses alunos, bem como promover a interação com o os demais alunos (BARBOSA, 2017).

Conclusão

Ao final desta pesquisa conclui-se, que os alunos autistas de uma escola no município de Acrelândia são inseridos no contexto escolar de forma que existem alguns desafios para a socialização dos mesmos. Percebe-se o quanto os professores se esforçam e tentam compreender sobre o “mundo dos autistas”.

Trabalhando há 3 anos com alunos autistas como mediadora pude conhecer melhor sobre eles e observar durante esse tempo cada comportamento expressado pelos mesmos, pois os dois são autistas, porém são diferentes, um sendo totalmente tímido e outro carinhoso e que tenta interagir com os professores e colegas.

Diante disso os professores dos alunos autistas se sentem na maioria dos casos sem saber como lidar com a situação de socialização. Como foi citado por Gadia *et al* (2004) aqueles que adquirem habilidades verbais podem demonstrar déficits persistentes em estabelecer conversação, tais como falta de reciprocidade, dificuldades em compreender sutilezas de linguagem, piadas ou sarcasmo, bem como problemas para interpretar linguagem corporal e expressões faciais.

Somente convivendo e observando um aluno autista podemos conhecer melhor sobre o TEA não é fácil para a família quando recebem o diagnóstico, então não seria diferente em sala de aula para um professor tentar acompanhar a aprendizagem e a socialização dos mesmos.

Com isso é muito importante a formação dos professores para adquirirem conhecimento sobre o assunto e tentar trabalhar a socialização dos mesmos em sala de aula, com aproveitamento e satisfação de ambas as partes.

Os alunos autistas não conseguem conversar e se expressar com os demais colegas e por muitas vezes os outros alunos não conversam com eles, então quando os professores compreendem o momento importante na socialização dos alunos autistas e buscam avanço nos mesmos inserindo-os e fazendo acontecer a socialização através da aproximação dos demais alunos para com os mesmos é gratificante para os alunos autistas.

Quando eles estão se sentindo recebidos é tão emocionante mesmo sem a expressão facial na maioria das vezes, podemos perceber o quanto estão felizes e se sentem capazes de enfrentar o mundo, e o transtorno do espectro autista apenas um laudo nesse momento de alegria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOSA, Michelle Ulisses. **Inclusão Escolar de Um Aluno Autista: Relatos de Uma Experiência Docente.** 2017

Disponível em:

<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2583/1/MUB21062017.pdf>>

Acesso em: 21 de Setembro de 2018.

BOUVIER, Suzanne Mollo. **Transformação dos modos de Socialização das Crianças: uma Abordagem Sociológica,** 2005.

BRASIL. Lei nº 10.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista;** e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei Nº 9394/96- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- 1996.

CZERMAINSKI, Fernanda Rasch; BOSA, Cleonice Alves; SALLES, Jerusa Fumagalli. **Funções Executivas em Crianças e Adolescentes com Transtorno do Espectro do Autismo: Uma Revisão.** 2013

Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/159391>> Acesso em: 29 de Setembro de 2018.

GADIA, Carlos A; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra. **Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento.** 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa10>> Acesso em: 17 de Outubro de 2018.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: **Uma concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil.** 1998.

GARCIA, Maria Cardoso. **Política de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva e a Formação Docente no Brasil**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

GONZALES, Wânia R. C. **A Educação da Teoria Sociológica Weberiana**. 2002, p. 10.

JO PEDAGOGIA. **O Autismo e a Aprendizagem Escolar**. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/autismo/index.php?pagina=1>> acesso em: 24 de Abril de 2018.

KWEE, Caroline Sianlian. Abordagem Transdisciplinar no Autismo: **O Programa Teacch**. 2006. Disponível em:

< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462009000600012> Acesso em : 22 de Setembro de 2018.

MENDANHA, Sílvia do Socorro; BITTAR, Mona. **Os Processos de Socialização na Educação Escolar: As Concepções dos Professores**. Disponível em:

<https://eventos.fe.ufg.br/up/248/o/S_lvia_do_Socorro_Mendanha_e_Mona_Bittar.pdf> Acesso em: 26 de Novembro de 2018.

MONTAGNER, Jéssica; SANTIAGO, Érica ; SOUZA, Maria G. G. **Dificuldades de Interação dos Profissionais com as crianças Autistas de uma Instituição educacional de Autismo**. 2007

Disponível em:< http://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-14-3/IIIDDD222.pdf>

Acesso em: 21 de Setembro de 2018.

MOREIRA, Denise. **Dificuldade de Aprendizagem: Um conceito Oriundo da Educação Bancária**. 2014.

MOURA, Camila Hernadez. **Estudo Sobre a Relação da Pessoa com síndrome de Asperger e seu Ambiente Social de Desenvolvimento**. 2013.

OLIVEIRA, Bruno Diniz; FELDMAN, Clara; COUTO, Maria Cristina Ventura; LIMA, Rossano Cabral. 2017. **Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação**. 2017

OLIVEIRA, Karina Griesi; SERTIÉ, Andréa Laurato. **Transtornos do Espectro Autista: um guia atualizado para Aconselhamento Genético**, 2017.

OMOTE, Sadao. **Mudanças de Atitudes Sociais em Relação à Inclusão**. 2005.

ONZI, Zanella; GOMES, Roberta de Figueiredo. **Transtorno do Espectro Autista: A Importância do Diagnóstico e Reabilitação**.

Disponível

em:

<<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/viewFile/979/967>>

Acesso em: 29 de Setembro de 2018.

PASSADORI, Lara Pardo. **Alfabetização e o Transtorno do Espectro Autista Nível 1**. Ciências Humanas e Sociais, Pedagogia, Faculdade Faccat. 2015.

Disponível em: <<http://conic-semesp.org.br/anais/files/2015/trabalho-1000019014.pdf>> acesso em 21 de Abril de 2018.

PEREIRA, Edilania Maria Rodrigues Batalha. **Autista, Quem é Você?** Disponível em:<EdilaniaBatalhaBatalha/modelo-de-projetointerdisciplinarautismo> acesso : 24 de Março de 2018

QUINTELA, Hamilton. **Metodologia do seu TCC**. 2016. (5m:06s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IKwt5q9JPdA>> Acesso em 08 de Maio de 2018.

RODRIGUES, Leandro. Autismo Método ABA ou Método Teacch?

Disponível em: <<http://institutoitard.com.br/autismo-metodo-aba-ou-metodo-teacch/>> acesso em: 24 de Março de 2018.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. Autismo: **Desafio na Alfabetização e Convívio Escolar**. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.crda.com.br/tccdoc/22.pdf> > Acesso em: 22 de setembro de 2018.

SERRA, Dayse Carla. **A inclusão de uma criança com autismo na escola regular: desafios e processos**, 2004.

Disponível

em:

<http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/Dayse_Carla_Genero_Serra-ME.pdf>

Acesso em : 8 de Novembro de 2018.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A Particularidade do Processo de Socialização Contemporâneo**. 2005.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a15v17n2>>

Acesso em : 17 de Outubro de 2018.

SILVA, Micheline; MULICK, James A. **Diagnosticando o Transtorno Autista: Aspectos Fundamentais e Considerações Práticas**. 2009. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n1/v29n1a10>> Acesso em 17 de Outubro de 2018.

SOARES, Jaqueline dos Santos; ROMEIRO, Camila de A. Cabral; MATHIAS, Sérgio Larruscaim. **O Processo de Alfabetização no Ensino Regular: Atendimento a Criança com Autismo**.

Disponível em:

<<http://bibmagsul.kinghost.net/revista2016/index.php/educfronteira/article/viewFile/283/259>> Acesso em: 21 de Setembro de 2018.

SOUSA, Maria Josiane Sousa. **Professor e o Autismo: Desafios de uma Inclusão com Qualidade**. Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar-UnB/UAB, 2015.

WING, L; GOULD, J; GILBERT, C. **Autism spectrum disorders in the DSM- V: better or worse than the DSM- IV?** 2011.

ANEXO

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS PROFESSORES QUE ATUAM COM OS ALUNOS AUTISTAS NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR DO MUNICÍPIO

Dados do Pesquisado:

Idade:

Sexo : F () M ()

Curso de Formação na Graduação:

Tempo de Regência:

Ano de Conclusão do Curso de Graduação:

Perguntas aos docentes de alunos autistas na escola:

1. Há quanto tempo trabalha com alunos autistas?
2. O que é o autismo?
3. Quais as principais características observadas em um aluno autista?
4. Os principais desafios que você já enfrentou no processo de socialização do aluno autista em sala de aula:
5. Você se sente capacitado para trabalhar com alunos autistas?
6. O que poderia ser feito para melhorar a socialização dos alunos autistas na escola?